

BARBARAS, Renaud. **Investigações fenomenológicas**: em direção a uma fenomenologia da vida. Curitiba: EdUFPR, 2012. 246p.

De uma fenomenologia a caminho da vida: Renaud Barbaras

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Paul Ricoeur certa vez afirmou ser a história da fenomenologia, em seu sentido amplo, o relato de suas “heresias”. O filósofo não deixa de ter razão em seu diagnóstico, afinal, depois de Husserl, a fenomenologia aberta por este dá vez ora a reparos, ora a radicalizações daquela posição inicial. Tal avaliação, longe de ser denúncia de adulterações à fenomenologia, parte da verificação de que esse modo de pensar se opera por meio de contínuas revisões. No Brasil, não faz muito tempo, publicou-se mais um significativo capítulo deste “work in progress”: o livro *Investigações fenomenológicas*, de Renaud Barbaras.

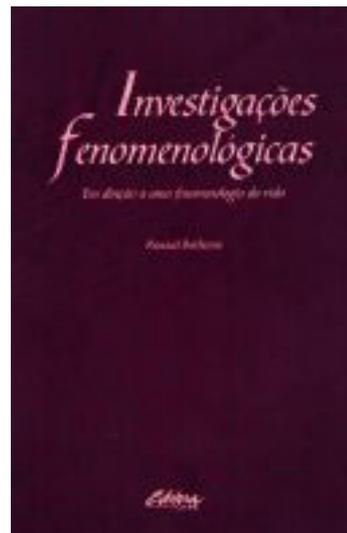
Escrito originalmente em português, o livro é compilação de ensaios anteriormente publicados em diferentes periódicos de nosso país e divulga momentos de um trabalho autoral subsidiado por obras mais sistemáticas. No entanto, é possível ver nesses que a lida que o professor Barbaras tem com a filosofia merleau-pontyana não é apenas a de um intérprete ou de um especialista. Fica evidente que o trato com o pensamento do filósofo de Rochefort-sur-Mer é tentativa de pensar a partir dele.

Fazer fenomenologia desde Merleau-Ponty não significa ocupar-se apenas dos temas afetos a este dando-lhes desenvolvimentos. No esforço de Barbaras por cunhar síntese filosófica

original, tal intento se realiza resgatando

intuições fenomenológicas presentes em pensadores anteriores a Merleau-Ponty. É preciso destacar, entretanto, que as apropriações desse exercício de pensar servem ao propósito do projeto filosófico de uma “fenomenologia da vida”, este caracterizado em seu *Investigações fenomenológicas*.

A caracterização da fenomenologia da vida, no espaço restrito dessa *resenha informativa da edição*, se limitará à breve notícia de que tal projeto constitui uma radicalização do gesto fenomenológico clássico da redução do fenômeno ao campo fenomenal primordial que a consciência inaugura. A mencionada intensificação, no entanto, consistiria menos no retorno do fenômeno ao terreno de um *ego* transcendental à maneira de Husserl (na qual vestígios de uma subjetividade metafísica ainda poderiam ser identificados), quanto também menos na recondução à “carne” do mundo à Merleau-Ponty (esta, para Barbaras, ainda eivada de um último resíduo de idealismo): é na própria experiência da *vida* que se situa o solo mais originário à fenomenalidade. Fica claro que a uma fenomenologia da vida cabe pensar o fenômeno ultrapassando o domínio da consciência (*ergo* uma fenomenologia “a-subjetiva”), para atingir



definitivamente às coisas elas mesmas.

Embora falar em uma fenomenologia da vida nos evoque, a princípio, o projeto de Michel Henry, Barbaras renuncia a este em sua síntese original. O caminho de edificação adotado por nosso autor ainda tem a tônica da filosofia de Merleau-Ponty e é seguindo as muitas indicações programáticas deixadas por este em notas de trabalho que o autor labora. Num retorno a Husserl e a outros que povoam as páginas de *Investigações fenomenológicas*, uma mostra dessas apropriações é o que temos desde a primeira seção do livro.

Intitulada “Metafísica da vida”, a *parte I* começa com o texto “A alma e o cérebro” (p. 13-25). Dedicado à interpretação de Henri Bergson, a leitura desse nos faz especular sobre como o vitalismo bergsoniano contribuiria com o quesito “vida” dessa fenomenologia (adicionalmente, o texto nos dá o alento de examinar os conceitos do título sem compartilhar do positivismo neurocientífico que é cada vez mais tendência na atual cena filosófica). “Introdução à filosofia de Raymond Ruyer” (p. 27-43) é outra feliz surpresa que o livro reserva. Ruyer, conhecido no Brasil apenas nos círculos mais especializados em filosofia francesa, foi, por mais de uma vez, objeto dos cursos de Barbaras. O ensaio sobre esse nos leva a elucubrar sobre o quanto tal pensador não adiantaria temas e questões que povoariam o universo merleau-pontyano. A interpretação de Barbaras constitui leitura próxima à linha argumentativa oferecida pelo próprio Ruyer em seu livro *La conscience et le corps* (1937); assim, conceitos como os de “campo fenomenal” e “corpo” podem ser vistos, ali, em uma primeira tentativa de radicalização fenomenológica.

“A fenomenologia de Merleau-Ponty” é o título da *parte II* do livro. Com um

estilo fluído e linguagem clara, Barbaras trabalha questões realmente caras àquele fenomenólogo. Em “O corpo da liberdade” (p.47-59), o autor sustenta a tese de que a liberdade, tal como fenomenologicamente pensada, não prescinde da “ancoragem” existencial que a corporeidade fornece. Em “O invisível da visão” (p. 45-75), o Merleau-Ponty tardio é tratado de modo a ressaltar, uma vez mais, o caráter paradoxal do ver pré-reflexivo. Dentre os ensaios consagrados ao autor de *Fenomenologia da percepção* ressaltamos: “Os três sentidos da carne: uma crítica à ontologia de Merleau-Ponty” (p. 77-91). Neste, Barbaras aborda o conceito de “carne” explorando sentidos que apenas estariam apontados na obra daquele fenomenólogo. Entre os textos dessa seção, certamente o enfocado é o de saldo mais consistente, pois seu autor consegue dele depreender elementos que indiciam um estatuto ontológico para carne, o que viabilizaria, por sua vez, o projeto de uma ontologia fenomenológica dessa “contextura” do mundo.

A *parte III* chama-se “A fenomenologia de Jan Patočka”. Nela presenciamos outro importante contributo do livro à fenomenologia: o resgate do mencionado fenomenólogo tcheco que fora assistente de Husserl. Patočka, que até aqui serviu de interlocutor para nosso autor em alguns textos, passa a ser protagonista nos dois escritos desta seção. No primeiro, que dá título a esta parte (p. 95-123), Barbaras caracteriza o tcheco como aquele que mantém “uma forma superior de fidelidade ao próprio Husserl, constituindo uma fenomenologia adequada à sua inspiração fundamental”. (p.95). Manter-se fiel à fenomenologia, no presente contexto, denota guardar rigorosa atenção aos aspectos legais deste modo de pensar; isso significa, por exemplo, levar a sério a assim chamada *epochè* fenomenológica. Barbaras nos

mostra o quanto Patočka preza esta regra fundamental da fenomenologia indicando, inclusive, o ponto em que Husserl teria se distanciado dele. Bem como Heidegger, Patočka insinua que a suspensão fenomenológica da *epochè* não é levada às últimas consequências por Husserl e que o suposto achado de um terreno transcendental originário explorado na filosofia de *Ideias I*, resultaria de um deslize metódico do iniciador da fenomenologia.

O título da *quarta parte* do livro segue o nome do projeto filosófico de Barbaras. “Fenomenologia da vida” é formada de três textos: “Percepção e movimento: o desejo como condição de possibilidade da experiência” (p.149-161); “Vida e consciência” (p. 163-177) e “A Fenomenologia da vida e o problema da intencionalidade” (p.179-193). No primeiro, tal fenomenologia é apresentada como aquela que se ocupa com um mundo *pré-reflexivo*. A ideia de um retorno aos fenômenos está vigente ali, especialmente quando se trata de retornar a um mundo deslindado pelo *sensível*. A proposição do *sensível*, enquanto modo mais primordial da percepção, – analisado de maneira arrojada sob a terminologia e conceptualidade próprias ao “desejo” –, talvez seja um dos mais significativos acréscimos barbararianos, o que faz com que este mereça destaque sobre os outros textos dessa divisão.

A *seção V*, “Estética”, conta também com dois capítulos: “Sentir e fazer: a fenomenologia e a unidade da estética” (p. 197-212) e “Fenomenologia e literatura: a não-filosofia de Fernando Pessoa” (p. 213-229). A estética



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Doutor em Filosofia pela

anunciada nesses títulos, contudo, não deve fazer o leitor esperar por um discurso sobre o belo nas artes, levando-se em conta o papel caro que o *sensível* desempenha no âmbito de uma fenomenologia da vida, seria como uma “estesiologia” que os textos desta parte deveriam ser lidos.

Em sua *sexta* e última parte, ainda que sob o título de “Conclusão”, se estampa um escrito que não apresenta retrospectiva dos pontos anteriores, nem informa resultados teóricos, tampouco arrola saldos de investigações. Encerrando o livro, “A presença do Filósofo” (p. 233-245) é capítulo dedicado à memória de Bento Prado Junior. Nesse, Barbaras registra um protesto de admiração e amizade ao professor brasileiro; ressalta sua importância para a recepção da filosofia francesa em nosso país e, mesmo, problematiza o que seria filosofia na compreensão do enfocado. Generoso testemunho em reconhecimento a obra do brasileiro, o texto do francês mais do que apresentar o filósofo é *retrato de uma afinidade eletiva*.

Publicado pela Editora da Universidade Federal do Paraná – UFPR, *Investigações fenomenológicas*, pelo alto nível de sua matéria e evidente perícia de seu autor, é título enfaticamente recomendado ao público de filosofia interessado nos desenvolvimentos mais atuais da pesquisa fenomenológica no Brasil e em França.

Recebido em 2015-06-10
Publicado em 2015-09-13

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).